

## **O Conceito de Projeção e Sua Relação com os Testes Projetivos: Uma Revisão da Literatura**

### **Sinopse**

*A autora discute o sentido múltiplo atribuído ao conceito de projeção, vinculando-o à expressão teste projetivo. Com o objetivo de investigar a atuação da projeção na resposta aos testes projetivos, revê criticamente, as conceituações designadas a esse termo por Freud, Klein, Jung, Frank, Rapaport, Bell, Anzieu, Murray, Bellak, Abt, Augras e Eirado da Silva. Conclui que esses autores se referem à projeção como: 1) um mecanismo de defesa ligado aos processos neuróticos e psicóticos; 2) um mecanismo de defesa vinculado a situações normais que despertam ansiedade; e 3) uma forma de estruturar o meio externo calcada em aspectos psicológicos internos do indivíduos, sendo esta última formulação a mais adequada para a expressão teste projetivo.*

### **Summary**

*The author discuss the multiple meaning of the concept of projection, linking to projective test. Aiming to investigate the projective mechanism in the answers produced to the projective tests, the author makes a critical review of the projection conceptualizations of Freud, Klein, Jung, Frank, Rapaport, Bell, Anzieu, Murray, Bellak, Abt, Augras e Eirado da Silva. She reaches to the conclusion that all this authors report to this term (projection) as including all this mechanism: 1) a defense mechanism associated to the neurotic and psychotic processes; 2) a defense mechanism tied to normal situations which arise the subject anxiety; and 3) a way to structure the external environment, led upon psychological aspects of the individual inner, being this last conception the better to express projective test.*

Na abordagem aos testes projetivos, observa-se uma série de problemas que merecem ser questionados:

- a) a influência da situação de testagem;
- b) o estabelecimento da relação entre a expressão da fantasia e o seu contraponto comportamental;
- c) a falta de evidências positivas a respeito de sua sensibilidade, fidedignidade e validade; e
- d) a dificuldade na fundamentação teórica vinculada ao sentido múltiplo do constructo personalidade e do mecanismo de “projeção”, termo utilizado para a denominação de tais instrumentos. O presente estudo se originou na tentativa de reflexão crítica sobre os testes projetivos, no contexto dos testes psicológicos em geral. Busca clarificar o significado conceitual da expressão “teste projetivo” em conexão com os mecanismos por ela despertados, verificando a sua adequação.

Os testes projetivos se caracterizam pela apresentação ao sujeito de um material estímulo ambíguo; implicam em uma liberdade de pensamento e ação, objetivando abolir os critérios externos quanto ao valor das respostas evocadas. Os critérios de valor, de desempenho e de utilização do tempo são definidos pelo próprio examinando. Nesse contexto, é pertinente a investigação dos recursos psicológicos utilizados pelo indivíduo em sua adaptação à tarefa, cuja indefinição de limites ocasiona uma maneira pessoal de estruturar o material-estímulo. As questões a serem esclarecidas são as seguintes: a projeção é o mecanismo psicológico envolvido na resposta aos testes projetivos? Em

caso positivo, qual dentre os sentidos usuais do termo projeção melhor se adequa ao que ocorre durante a testagem? Haveria outros processos psicológicos envolvidos na testagem projetiva, além da projeção, ou seria esta o principal ou mesmo o único mecanismo?

Para responder a esses questionamentos, foram analisadas as conceituações atribuídas por Freud ao mecanismo de projeção, seguindo-se os estudos concernentes à projeção realizados por Klein, Jung, Frank, Rapaport, Bell, Anzieu, Murray, Bellak, Abt, Augras e Eirado Silva.

## **Projeção para Freud**

Segundo Bell, o primeiro a utilizar o termo projeção em seu sentido psicológico foi Freud, que procurou explicar por meio desse mecanismo manifestações normais e patológicas. Em “A Neurastenia e a Neurose de Angústia”, procurou distinguir a neurastenia típica de um complexo de perturbações neuróticas cujos sintomas, etiologia e mecanismos são essencialmente diferentes configurando o que denominou neurose de angústia. Nessa obra, Freud considera que a neurose de angústia seria desencadeada por um acúmulo de excitação sexual somática, que é desviada da psique, conduzindo o sistema nervoso ao estado afetivo de angústia; a psique cai na neurose de angústia *quando se sente incapaz de estancar a excitação (sexual) originária endogenamente. Conduz-se, pois, como se projetasse essa excitação para o exterior.* (9, p.196).

Em seu segundo artigo sobre as neuropsicoses de defesa, Freud continuou a elaborar o conceito de projeção, ligado agora à paranóia crônica (dementia paranoides). Comparando a paranóia à neurose obsessiva, o autor propõe que em ambas as enfermidades o núcleo do mecanismo é a repressão, sendo o reprimido um acontecimento sexual infantil. Mas, enquanto na neurose obsessiva a reprovação inicial é reprimida levando à desconfiança em si mesmo (sintoma primário da defesa), na paranóia a reprovação é projetada, transferindo-se a desconfiança para as outras pessoas. Freud esclarece este mecanismo ao analisar um caso de paranóia, a autobiografia do magistrado Schreber. Enfatiza aí o papel do desejo homossexual na paranóia, da seguinte maneira: “Eu (um homem) o amo (a um homem)”, o que é intolerável à consciência; o sentimento de amor é então transformado em seu oposto, “eu não o amo, o odeio”, o que permanece censurável. A percepção interna é reprimida. Sendo assim projetada sob a forma “ele me odeia, o que justifica o meu ódio”(p. 1518). O homem anteriormente amado se transforma dessa maneira no perseguidor.

Ao comparar o sentido atribuído à paranóia nas duas obras já mencionadas, Laplanche identifica acepções diferentes para o termo projeção; no primeiro texto de Freud proporia-se um retorno secundário do recalcado inconsciente ligado à etiologia das neuroses enquanto no segundo ocorreria uma rejeição verdadeira e imediata para o exterior, fator propulsor básico da psicose.

O exame das formulações acima mencionadas evidencia a projeção conceituada como um mecanismo de defesa (e portanto inconsciente) de cunho patológico; o indivíduo atribui ao mundo exterior os impulsos, sentimentos e idéias inconscientes e inaceitáveis para ele. O mecanismo projetivo atua, portanto, na redução da tensão psicológica resolução de conflito e conservação de auto-estima, resultando no que se denomina delusão (falsa percepção). Murray assinala a respeito que

*..... o paciente realmente acredita em alguma coisa sobre outra pessoa que não é verdade e que não é justificada pelos fatos observados.*

Porém o próprio Freud descartou a idéia de que a projeção resultaria de uma distorção perceptiva acentuada. Na conduta paranóica a projeção não é colocada sobre o indiferente, deriva da observação pelo indivíduo de indícios imperceptíveis para a maioria das pessoas, mas que para o paranóico constituem manifestações inequívocas do inconsciente dos demais; não ocorreria, portanto, uma deformação, mas um exagero perceptivo.

O conceito de projeção merece um enfoque algo diferente, quando Freud procura esclarecer a psicologia da superstição. O autor considera que neste fenômeno os atos casuais e falhos decorrentes de uma motivação inconsciente são projetados para o exterior. Uma das raízes psíquicas da superstição seria assim “o desconhecimento consciente e conhecimento inconsciente da motivação das casualidades psíquicas”.

Observa-se nesse trecho uma aproximação com a paranóia, visto que ambos - supersticioso e paranóico- extraem deduções e conclusões de sinais insignificantes e (aparentemente) casuais. Outros fenômenos ditos normais explicados por Freud usando o conceito de projeção são o animismo, a formação dos tabus pelos primitivos e o desenvolvimento das crenças religiosas. Em “Totem e Tabu”, o autor compara os mecanismos psicológicos neuróticos ocorrentes na neurose obsessiva ao tabu dos mortos, próprio dos homens primitivos. Os indivíduos que perderam um ente querido e se recriminam obsessivamente por terem sido negligentes evidenciariam, de acordo com Freud, uma forte ambivalência afetiva; esta ambivalência corresponderia a uma oposição entre a dor consciente e a satisfação inconsciente ocasionadas por essa morte. Analogamente, os primitivos apresentam o mesmo conflito face à morte de uma pessoa amada; neles a hostilidade inconsciente não se manifesta por auto-acusações obsessivas, mas é exteriorizada e atribuída ao próprio morto, cuja alma é que abriga sentimentos hostis para com o indivíduo. Portanto, “os demônios são projeções dos sentimentos hostis que os sobreviventes abrigam para com os mortos. (p. 1787).

A hostilidade é projetada da percepção interna para o mundo externo, trocando-se a repressão interna por uma coerção de origem externa.

Percebe-se, no contexto das considerações acima, que mais uma vez a projeção é abordada como um processo defensivo contra tendências inconscientes, desencadeado por uma situação ansiogênica. Assim, na superstição, os motivos inconscientes são geralmente impulsos hostis reprimidos, o mesmo se observando em relação ao tabu dos mortos. No que concerne às representações religiosas, elas resultariam, para Freud, de uma projeção do nódulo paternal em uma personificação das forças da natureza (como no animismo); esta projeção decorreria da necessidade do homem se defender contra a prepotência avassaladora da natureza e da própria sociedade humana.

Apesar de constituir um fator explicativo para fenômenos “normais”, a projeção continua para Freud sendo abordada como um mecanismo de defesa que atua intensamente, desde que tenha como vantagem o alívio psicológico.

Propõe-se então o seguinte questionamento: é pertinente aplicar o conceito de projeção

como até o momento apresentado aos testes projetivos? Para respondê-lo, pode-se endossar a opinião de Bellak de que a projeção como mecanismos de defesa é um caso particular de um processo mais amplo, que abrange conteúdos conscientes e inconsciente, inaceitáveis e valorizados, reprimidos e não reprimidos. Essa hipótese foi corroborada experimentalmente pelo autor, ao verificar que após uma ordem pós-hipnótica os indivíduos projetavam, em seus relatos, sentimentos disfóricos ou eufóricos, conforme a sugestão prévia. Nesse caso, os mecanismos implicados na resposta aos testes não eram utilizados para reduzir a tensão psicológica:... “obviamente não havia necessidade de que o ego se protegesse contra os efeitos desorganizadores da euforia”(p.26).

Examinado-se com mais detalhe a obra de Freud, destacam-se algumas formulações que apontam para o mesmo sentido de projeção proposto por Bellak para clarificar o processo de testagem projetiva.

Já ao estudar o Caso Schreber, Freud amplia o conceito de projeção ao afirmar que esta *não só surge na paranóia, mas também em outras circunstâncias da vida anímica, participando inclusive regularmente na determinação de nossa atitude com relação ao mundo exterior. Merece também o nome de projeção o processo normal em que não buscamos em nosso eu as causas de certas impressões sensoriais, mas as deslocamos para o exterior.* (p.1520).

Em “Totem e Tabu” esse enfoque foi desenvolvido com maior abrangência. Nessa obra, o autor afirma que a projeção não seria apenas uma defesa frente à ansiedade, uma estratégia para resolver conflitos, atribuindo ao mundo externo percepções internas inconscientes e inaceitáveis. A projeção *... não foi criada com o propósito de defesa. Em condições que ainda não estão suficientemente determinadas, nossas percepções internas de processos afetivos e intelectuais são, como nossas percepções sensoriais, projetadas de dentro para fora e utilizadas para configurar o mundo externo, quando deveriam permanecer em nosso mundo interior* (p. 1788).

A projeção é então conceituada como uma forma de funcionamento mental que possibilitaria a estruturação do mundo externo a partir do mundo interno, estando intimamente ligada à percepção.

### **Projeção para Klein**

Klein teceu algumas considerações acerca do processo evolutivo da criança até os cinco anos de idade, enfatizando os mecanismos ocorrentes durante o primeiro ano de vida. Para a autora, o bebê, quando nasce, experiencia ansiedade proveniente de uma fonte interna, o instinto de morte, e de fontes externas: nascimento e outras situações de privação ocorrentes. A ansiedade persecutória se acentua devido ao conflito entre o instinto de vida e o de morte.

Face a esse conflito, os mecanismos de projeção e de introjeção começam a atuar; o instinto de morte é em parte projetado para o objetivo externo original, o seio, e em parte preservado sob a forma de agressividade, enquanto que o de vida segue o mesmo padrão de projeção e preservação. Resulta assim o ego cindido e um objeto externo dividido em duas partes: o seio mau e o seio bom. Observa-se que para M Klein não

ocorre apenas a introjeção de objetos prazerosos e projeção de desprazerosos, posição adotada por Freud para explicar o desenvolvimento do ego. Pelo contrário, ambos os aspectos são introjetados e projetados.

Desde que haja uma predominância das experiências boas e um manejo bem sucedido das ansiedades persecutórias e da destrutividade dos 3-4 primeiros meses de vida do bebê, tanto a divisão como a projeção diminuem, propiciando um processo integrativo do ego e do objeto.

Os processos introjetivos são identificados, em parte, devido à diminuição dos mecanismos projetivos, levando ao desenvolvimento do sentimento de realidade psíquica e externa e, em parte, à diferenciação entre mundo interno e externo. De acordo com as fases sucessivas do desenvolvimento dos instintos e do ego, são inicialmente reintrojetados o seio bom e o seio mau, resultando em um aspecto idealizado e um aspecto perseguidor, que funcionam em termos de altas exigências de perfeição e de punição impiedosa. À medida que o campo afetivo e intelectual do bebê se amplia, são reintrojetadas pessoas totais pai e mãe e finalmente o casal da etapa genital, de forma similar à descrita por Freud na formação do superego. Numa posição discordante da deste último autor, Klein e suas colaboradoras propõem que tanto o ego como o superego começam a ser formados numa idade bastante primitiva, sendo construídos ao longo da infância a partir dos mecanismos de projeção e introjeção; estes então *não representam apenas uma parte essencial do funcionamento do ego, mas são as raízes do ego, os instrumentos de sua própria formação* (Heimann, 1974, p.120).

Outros aspectos do funcionamento mental explicados por Klein pelo mecanismo de projeção são a inveja, a alucinação e o delírio paranóico.

A partir desse apanhado geral do enfoque kleiniano do conceito de projeção, deduz-se que esta última funcionaria como um mecanismo de defesa perante situações ansiogênicas decorrentes do desenvolvimento normal da criança. Assemelha-se então basicamente à acepção freudiana da projeção ocorrente diante de fenômenos como a superstição, o tabu dos mortos e as religiões. Haveria uma transposição de fenômenos ditos normais da vida adulta para vivências infantis muito precoces. Mas deve-se observar que a utilização do mecanismo de projeção como uma defesa contra a ansiedade leva à configuração do mundo externo a partir do interno, pela interação entre a introjeção e a projeção; esse enfoque remete, portanto, ao terceiro sentido assinalado na obra de Freud (estruturação do mundo externo calcada no interno). A atuação dos dois mecanismos acima referidos levaria, de acordo com a autora, não só à formação do mundo externo como do interno, especificamente o ego e o superego. Por isso em situações patológicas, em que os processos e as fases mal elaboradas são reativados, atuariam de forma acentuada a projeção e a identificação projetiva.

Em suma, reencontram-se na obra de Klein as três acepções do termo projeção já assinaladas por ocasião da análise da obra de Freud; não obstante, Klein enfatiza o mecanismo de projeção como defesa contra a ansiedade durante o desenvolvimento infantil normal.

### **Projeção para Jung**

Jung, tal como Freud, aponta para o aspecto projetivo da formação de mitos na mente do primitivo como recurso adotado para uma melhor adaptação ao mundo objetivo. A

projeção, não só nos primitivos como nos homens da atualidade, constituiria um mecanismo adaptativo necessário à saúde mental por meio do qual as tendências inconscientes ativadas se expressam em todo tipo de objeto, de modo a impedir a invasão do consciente por forças inconscientes.

Tendo ressaltado que a projeção atua como um processo normal que possibilita ao homem colocar fora de si seu mundo inconsciente, Jung procura identificar que tipo de conteúdo é projetado. Destaca, em primeiro lugar, que tanto conteúdos de caráter positivo como negativo podem ser transferidos para o exterior, apesar de os últimos predominarem. Em relação às camadas psíquicas envolvidas, enfatiza sobremaneira as mais profundas do inconsciente, que seriam a fonte dos arquétipos. Em “Fundamentos de Psicologia Analítica”, define o arquétipo como “agrupamento de caracteres arcaicos que em forma e significação encerram motivos mitológicos” (1972, p.60).

Eles são projetados simbolicamente sob a forma de contos de fadas, mitos e lendas, além de sonhos, alucinações, delírios e visões em que estão envolvidos componentes míticos. Os contos de fadas correspondem à projeção de imagens arquetípicas oriundas das camadas do inconsciente comuns a todas as culturas, resultando na recorrência dos seus temas em países distantes e em épocas diferentes, com um mínimo de variação.

Jung estudou a formação de psicoses e neuroses de acordo com um sistema relacionado com a elaboração dos conteúdos arquetípicos. Nas psicoses, além de sintomas provenientes de experiências individuais, a consciência seria invadida pelos conteúdos arquetípicos profundos, o que explicaria muitos dos delírios e alucinações desses pacientes. Particularmente na esquizofrenia, o inconsciente coletivo em vez de se projetar no mundo inundaria a consciência, desorganizando a personalidade.

O autor analisa o processo de individualização como uma retirada das projeções colocadas nos demais indivíduos. A personalidade se desenvolve e se diferencia por meio de uma modificação nos relacionamentos interpessoais. São atenuadas as relações de estreita dependência com os outros denominadas projeções para que ocorra a formação de um indivíduo específico e o inteiro. Neste processo, a primeira etapa é a retirada da máscara que defende a pessoa em suas interações sociais, de modo que ela (a pessoa) possa contemplar seus aspectos negativos, a sombra. Segue-se um confronto com as tendências e as atitudes originadas pelo componente sexual reprimido, a “anima” nos homens e o “animus” nas mulheres, decorrendo a aceitação em vez de projeção da bissexualidade do indivíduo. O resultado final do processo de individualização é o que Jung denomina “self”. O fracasso em contemplar o processo de individualização leva o indivíduo a permanecer envolvido em projeções que o confundem com os demais, caracterizando um estado neurótico.

Cabe agora analisar até que ponto as idéias de Jung se adequam aos posicionamentos freudianos relativos à projeção. Quanto ao primeiro sentido, segundo o qual a projeção consiste em um mecanismo de defesa utilizado em patologias psíquicas como a neurose e a psicose, observa-se uma concordância parcial por parte de Jung. Para este autor, a psicose decorre justamente da não atuação da projeção, o que possibilitaria ao inconsciente coletivo inundar a consciência, em vez de se projetar ao mundo exterior. Em contraposição, na neurose as projeções aderem ao mundo externo prejudicando o desenvolvimento da personalidade do indivíduo e a sua diferenciação dos demais.

Fica bem claro, na obra de Jung, o princípio de que a projeção atua como uma defesa contra a ansiedade em fenômenos ditos normais, como os mitos e a religião. O autor considera que todas as adaptações especificamente humanas ao mundo externo como a religião, a cultura, a arte, a ciência, o mito, o folclore etc resultariam da projeção do mundo interno de fantasias e funcionariam como uma defesa contra a ansiedade desencadeada pelo mundo externo. Os mitos, por exemplo, são um recurso adaptativo necessário à manutenção da saúde mental, visto que neles se projetam aspectos internos inconscientes, o que possibilitaria ao indivíduo sentir a sua vida como significativa e digna. Nesse ponto não fica clara a distinção entre o mito normal e o psicótico. Uma vez que ambos têm uma função adaptativa, por que o esquizofrênico fracassa de forma tão intensa em sua adaptação ao mundo?

Quanto à projeção como estruturação do mundo externo a partir de aspectos internos, observa-se no autor uma preocupação constante em relacionar o mundo interior da psiquê e a visão global do mundo externo; não fica, porém, suficientemente claro se o mecanismo utilizado seria a projeção. Considerando-se que para Jung, principalmente na primeira metade da vida, as imagens interiores se projetam em outras pessoas, pode-se reconhecer que este autor não negligencia o aspecto primordial de construção do mundo a partir da projeção.

Conclui-se que em Jung, apesar de seu reconhecimento do mecanismo de projeção, não se encontra a distinção entre as três acepções de projeção com uma nitidez conceitual equivalente à apresentada por Freud em sua obra.

### **Projeção para Outros Autores**

Os demais autores cujas formulações analisaremos diferem dos anteriormente referidos por associarem diretamente o conceito de projeção à designação teste projetivo. Concordam, de uma maneira geral, que a terceira acepção de Freud é a mais indicada para explicar o que ocorre com o indivíduo que se defronta com um material-estímulo cuja ambigüidade abrange a liberdade de expressão e a de tempo. Para Frank<sup>7</sup>, como para Rapaport<sup>24</sup>, Bell<sup>4</sup>, Anzieu<sup>2</sup>, Bellak<sup>5</sup> e Eirado Silva<sup>26</sup>, o sentido de projeção se baseia na capacidade reveladora desses testes, na possibilidade de desvelar os aspectos mais profundos e latentes da personalidade, que se expressariam nos testes projetivos. Afirmam também que os critérios estabelecidos por Freud para caracterizar a projeção como um mecanismo de defesa não se adequam inteiramente aos testes projetivos, visto que *muitas vezes o sujeito tem consciência do retorno da tendência atribuída, apesar de inaceitável... sendo as qualidades atribuídas às vezes admiráveis.*(p. 15).

Assim, autores como Bell, Anderson, Cattell, Bellak e Augras, propõem que o mecanismo de projeção é insuficiente para explicar de forma clara o desempenho do indivíduo ante o teste projetivo. A projeção seria um dentre vários mecanismos psicológicos envolvidos, correspondendo estes últimos ao que Cattell denomina dinanismos de defesa do ego. Na opinião deste autor, uma maior aproximação científica requer uma nova denominação para esses testes, que deveriam ser intitulados "testes de dinamismo de defesa do ego, testes de defesa ou testes de dinamismo". (6, p. 70).

Na mesma linha de raciocínio, Bellak<sup>5</sup> sugere a substituição do termo projeção -

bastante desgastado devido às várias definições a ele atribuídas sem que se alcance um consenso - por apercepção; Augras<sup>3</sup> propõe o abandono da denominação técnica projetiva, ao não encontrar evidências de uma definição científica de projeção, sugerindo um retorno à conceitualização de Rorschach, no sentido de uma fenomenologia do processo perceptivo; e Eirado Silva<sup>26</sup> é favorável à expressão representação simbólica no lugar de projeção, apesar de ressaltar que a inadequação do termo se refere estritamente a seu sentido como mecanismo de defesa.

Cabe finalmente destacar a ênfase dada por vários autores como Cattell, Bellak, Abt e Augras à utilização dos processos perceptivos nos testes projetivos. Ao propor o emprego do termo apercepção, Bellak a define como "uma interpretação dinamicamente significativa que um organismo faz de uma percepção" (p. 27).

Para Abt' o indivíduo, ao se defrontar com um campo de estímulos ambíguo e novo, experimenta insegurança e ansiedade; à medida que a ansiedade aumenta, a percepção se direciona para desejos, necessidades, valores e fantasias internas, pondo-se em ação a projeção. Observa-se nesse sentido uma aproximação com o segundo enfoque de projeção proposto por Freud, na medida em que esta atua como um mecanismo de defesa visando o alívio da ansiedade em situações normais, no caso a resposta a um teste projetivo.

## **Conclusão**

Destaca-se a ambigüidade e a dubiedade com que foi tratado o conceito de projeção, implicado na denominação testes projetivos. O conceito projeção necessita de uma melhor explicitação, que justifique a sua viabilidade técnica. O conceito mereceu primordialmente três tipos de acepções. A primeira se refere à projeção como um mecanismo de defesa (inconsciente), envolvido nos processos neuróticos e psicóticos. A segunda implica na projeção ainda como defesa, porém face a situações ansiogênicas vinculadas a fenômenos normais, tais como: a superstição, a formação de tabus, o animismo, as crenças religiosas e o desenvolvimento infantil normal. A terceira envolve a projeção não mais como um mecanismo de defesa, mas como uma forma de compreender e estruturar o mundo externo, com base em aspectos psicológicos do indivíduo (mundo interno); abrange também conteúdos conscientes, aceitáveis e não reprimidos pelo sujeito. Em nossa opinião esta última conceituação seria a mais apropriada para a expressão teste projetivo, visto que ante a prova o examinando deve estruturar o material - estímulo que lhe é fornecido utilizando seus recursos internos, que são assim externalizados; na configuração do mundo externo, aí incluído o material do teste, atuam de forma intensa os processos perceptivos.

Fica como sugestão que seja adotado o conceito de projeção elaborado por Bellak, seguindo a linha esboçada por Freud, ou seja, projeção como um processo normal de funcionamento psíquico; a sua utilização como mecanismo de defesa configuraria apenas um caso particular dentre uma ampla gama de fenômenos psicológicos. Apesar do termo, desde que empregado nesse sentido, não ser inadequado para descrever os mecanismos psicológicos ocorrentes durante a testagem projetiva, sua conotação múltipla e conseqüente desgaste requerem um estudo mais aprofundado do termo. Não é demais ressaltar que a técnica como rotina sistematizada dentro de uma linha metodológica, só tem sentido em relação a uma estrutura teórica. Parece-nos imprescindível evitar um caráter puramente aplicativo dissociado da teoria descritiva



das estruturas, processos e dinâmica da personalidade que os testes projetivos se propõem a aferir, endossando a opinião de Rapaport (1978) de que *a acumulação e a formulação estatística dos registros dos testes sem uma teoria sistemática não nos servirá para grande coisa (p. 150).* ,

## Referências Bibliográficas

1. Abt, L.E. Una teoría de la psicología proyectiva. IN: Abt, L.E. & Bellak, L. - Psicología proyectiva. Buenos Aires, Paidós, 1978.
2. Anzieu, D. Os métodos projetivos. Rio de Janeiro, Campus, 1980.
3. Augras, M. Quest for projection in the Rorschach test: the hunting of the snark (inérito), 1977.
4. Bell, J.E. Técnicas proyectivas. Buenos Aires, Paidós, 1980.
5. Bellak, L. Sobre los problemas del concepto de proyección. IN: Abt, L. E. & Bellak, L - Psicología proyectiva. Buenos Aires, Paidós, 1978.
6. Catell, R.B. Princípios de esquemas nos testes projetivos de má-percepção da personalidade. IN: Anderson, H. H. & Anderson, G. L. - Técnicas proyectivas do diagnóstico psicológico. São Paulo, Mestre Jou, 1967.
7. Frank, I.K. Projective methods. Springfield, Thomas, 1948.
8. Freud, S. La neurastenia y la neurosis de angustia. Obras completas - Tomo I. Madrid, Biblioteca Nueva, 1972.
9. \_\_\_\_\_. Nuevas observaciones sobre las neuropsicosis de defensa. Obras completas - Tomo I. Madrid, Biblioteca Nueva, 1972.
10. \_\_\_\_\_. Psicopatología de la vida cotidiana. Obras completas Tomo I. Madrid, Biblioteca Nueva, 1972.
11. \_\_\_\_\_. Observaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia. autobiográficamente descrito (Caso Schreber). Obras completas. Tomo I. Madrid, Biblioteca Nueva, 1972.
12. \_\_\_\_\_. Totem y tabú. Obras completas. Tomo II. Madrid, Biblioteca Nueva, 1972.
13. \_\_\_\_\_. Lo inconsciente. Obras completas. Tomo II. Madrid, Biblioteca Nueva, 1972.
14. \_\_\_\_\_. Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci. Obras completas. Tomo II. Madrid, Biblioteca Nueva, 1972.
15. \_\_\_\_\_. Los instintos y sus destinos. Obras completas. Tomo II. Madrid, Biblioteca Nueva, 1972.
16. \_\_\_\_\_. Sobre algunos mecanismos neuroticos en los celos la paranoia y la homosexualidad. Obras completas. Tomo III. Madrid, Biblioteca Nueva, 1972.
17. \_\_\_\_\_. El porvenir de una ilusión. Obras completas. Tomo III. Madrid, Biblioteca Nueva, 1972.
18. Heimann, P. Certas funções da introjeção e da projeção na primeira infância. IN: Klein, M. et al. Desenvolvimentos em psicanálise. Rio de Janeiro, Imago, 1975.
19. Jung, C. G. Fundamentos de psicología analítica Rio de Janeiro, Zahar, 1972.
20. \_\_\_\_\_. Tipos psicológicos. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.
21. Klein, M. Algunas conclusiones teóricas sobre la vida emocional del lactante. IN: Klein, M. Obras completas. Buenos Aires, Paidós, 1974.
22. Laplanche, J. & Pontalis, J. B. Vocabulário de psicanálise. Lisboa, Moraes, 1977.
23. Murray, H. Prólogo. IN: Anderson, H. H. & Anderson, G. L. Técnicas proyectivas do diagnóstico psicológico. São Paulo, Mestre Jou, 1967.
24. Rapaport, D. Testes de diagnóstico psicológico. Buenos Aires, Paidós, 1977.
25. Segal, H. Introdução à obra de Melaine Klein. Rio de Janeiro, Imago, 1975.
26. Silva, M. L. E. Interpretação dos testes projetivos. Rio de Janeiro, Campus, 1981.
27. Silveira, N. Jung - vida e obra. Rio de Janeiro, José Alvaro, 1975.